

OS ARTIGOS SOBRE A ARGENTINA NA REVISTA *AMÉRICA INDÍGENA* (1941-1946)

Caroline Mariane Wrubel (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Natally Vieira Dias (Orientador), e-mail: natyvdias@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional do Vale do Ivaí/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área: História

Subárea: História da América

Palavras-chave: Indigenismo, história da Argentina, revistas intelectuais.

Resumo:

A pesquisa analisou os artigos sobre a Argentina presentes na revista *América Indígena: órgão trimestral del instituto Indigenista Interamericano* desde o início da publicação, em 1941, até o início do governo peronista na Argentina, em 1946. A proposta foi entender como a questão indígena aparece no periódico indigenista, cujo interesse era a melhoria da situação dos indígenas no continente, tendo em vista o fato de o país sul-americano não possuir historicamente uma tradição indigenista – ao contrário de países como México e Peru, por exemplo –, mas, ao contrário, possuir uma trajetória marcada por intensa violência contra os povos nativos. Isso porque, durante o século XIX, o Estado argentino exerceu políticas genocidas contra as populações indígenas de seu território, o que culminou na morte de grande parte dessas populações e num forte processo de invisibilização da presença indígena no país.

Introdução

A pesquisa analisou os artigos sobre a Argentina presentes na revista *América Indígena: órgão trimestral del instituto Indigenista Interamericano* desde o início da publicação, em 1941, até o início do governo peronista na Argentina, em 1946. A revista era uma publicação oficial do Instituto Indigenista Interamericano (I.I.I.), que foi a primeira instituição indigenista de caráter continental.

O I.I.I. foi criado em 1940 durante a realização do Primeiro Congresso Indigenista, na cidade de Pátzcuaro, no México. Sua criação esteve vinculada ao projeto de reunir intelectuais de todo o continente que buscassem colocar a questão indígena no centro da problemática social de

seus países e buscassem uma melhoria para a vida das populações indígenas em nível continental. (GIRAUDO, 2011)

Dessa forma, a criação do I.I.I. se inseria numa longa tradição indigenista no continente, que surgiu desde o período colonial espanhol na América e, ao longo dos séculos, produziu um conjunto de ideias, reflexões, discursos e práticas favoráveis aos indígenas. Esse conjunto é denominado de “indigenismo”. (KOURÍ, 2010)

Mas a Argentina, em grande medida, se distanciou dessa tradição indigenista, principalmente a partir do século XIX, durante a formação de seu Estado nacional após a Independência. Nessa época, os indígenas do território argentino passaram a ser violentamente massacrados pela expansão do Estado sobre suas terras a partir de um amplo processo chamado de “campanhas do deserto”.

Essas eram campanhas militares pelos quais o Exército argentino liderava o processo de ampliação da autoridade do Estado central sobre todo o território nacional, o que incluía as terras ancestralmente ocupadas pelos povos nativos. Durante esse processo, milhares de indígenas foram subjugados ao Estado nacional ou sistematicamente exterminados, sendo que a historiografia qualifica a política argentina em relação aos povos originários nesse período como genocida ou no mínimo etnocida. (PASSETTI, 2012)

Embora as violências – tanto físicas quanto simbólicas, culturais e psicológicas – contra os indígenas tenha marcado boa parte dos processos de construção dos Estados nacionais na América Latina, o caso argentino se destaca nesse contexto pela violência física empregada com vistas ao completo extermínio dessas populações. Nos discursos dos presidentes e comandantes do Exército argentino da época, o extermínio dos indígenas aparece como uma necessidade de “extirpar o mal pela raiz”, como afirmou o Ministro da Guerra Julio A. Roca, em 1876. (ROCA *apud* PASSETTI, 2012, p. 257)

O próprio nome empregado às campanhas militares para a ocupação do território e decorrente destruição dos indígenas é um grande indicativo da maneira como eram vistas as populações indígenas pelos líderes políticos argentinos. Elas foram chamadas de “campanhas do deserto” porque a ideia era que não havia nada naquele território, que seria um deserto não em termos de terras áridas, mas de ausência de humanidade e civilização, apesar de se saber que essas terras eram habitadas por vários grupos indígenas.

Essa metáfora do interior do país como um deserto civilizatório existia na Argentina desde a primeira metade do século XIX, pelo menos desde que o intelectual – que posteriormente foi presidente do país – Domingo F. Sarmiento a esboçou em seu famoso ensaio *Facundo ou civilização e barbárie*, publicado em 1845. A oposição civilização *versus* barbárie levantada por Sarmiento acabou se tornando uma importante referência

legitimadora das campanhas do deserto, inclusive por sua visão do indígena esboçada no livro como uma “raça pré-histórica” cuja incorporação pela colonização espanhola teria produzido um “resultado infeliz.” (SARMIENTO, 2010 [1845], p. 79-80)

Com todo esse histórico em relação aos indígenas, no início do século XX a Argentina era um dos países do continente menos inseridos em projetos de tipo indigenista. Mesmo assim, o país participou do Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, de 1940, e alguns estudiosos e intelectuais do país publicaram trabalhos na revista do I.I.I., criada em 1941, já nos seus primeiros anos. Esses artigos foram o objeto de nossa pesquisa.

Materiais e métodos

A fonte histórica utilizada na pesquisa foi a revista *América Indígena* (A.I.), que era um “periódico intelectual” (SARLO, 1992) de caráter indigenista. Portanto, nossa base teórico-metodológica envolveu a história política juntamente com a história intelectual.

A respeito da história intelectual nos baseamos principalmente nos autores latino-americanos, como Carlos Altamirano (2010) e Beatriz Sarlo (1992) e usamos a concepção de política da “nova história política.” (RÉMOND, 2003)

Resultados e Discussão

No levantamento que fizemos sobre a presença da Argentina na revista A.I., no período de 1941 a 1946, encontramos um total de 4 artigos, sendo 3 deles especificamente sobre o contexto argentino e 1 em que a questão indígena na Argentina era abordada juntamente com a de outros países do continente.

A primeira parte da análise foi quantitativa e percebemos que, no período analisado, a Argentina teve uma presença bem menor que a de outros países do continente – como o Brasil, por exemplo – na revista A.I. Isso certamente estava relacionado com o histórico da questão indígena no país, como descrevemos na introdução.

Apesar desse fator, nossa pesquisa permitiu perceber que a presença dos artigos sobre a realidade indígena argentina na revista também mostra que o indigenismo estava presente no país no período analisado. Uma coisa que chama a atenção é a presença de um artigo assinado por Ricardo Rojas, que era um dos mais importantes intelectuais argentinos na época, e que foi publicado na revista indigenista defendendo a valorização da presença história e cultural indígena na Argentina. Isso permite afirmar que a discussão indigenista no país não era tão marginal como se poderia pensar tendo em vista o histórico da questão indígena no país.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa que me possibilitou a realizar a pesquisa.

Referências

ALTAMIRANO, Carlos. Elites culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires, Katz, 2010, p. 9-28.

GIRAUDO, Laura. Un campo indigenista transnacional y casi profesional: la apertura en Pátzcuaro (1940) de un espacio por y para los indigenistas. In: GIRAUDO, Laura; MARTÍN-SÁNCHEZ, Juan (eds.). **La ambivalente historia del indigenismo: campo interamericano y trayectorias nacionales (1940-1970)**. Lima: IEP, 2011, p. 21-98.

KOURÍ, Emilio. Manuel Gamio y el indigenismo de la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires, Katz, 2010, p. 419-32.

PASSETTI, Gabriel. **Indígenas e criollos**: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885). São Paulo: Alameda, 2012.

RÉMOND, René. **Por uma História Política**. (2ª ed). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. In: **Cahiers Du CRICCAL**. Paris, 1992, p. 9-16.

SARMIENTO, Domingo F. **Facundo ou civilização e barbárie** [1845]. São Paulo: Cosac Naify, 2010.